



René Roussillon

# O narcisismo e a análise do Eu

**Blucher**

# O NARCISISMO E A ANÁLISE DO EU

René Roussillon

*O narcisismo e a análise do Eu*  
© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Jonas Eliakim  
*Produção editorial* Thaís Costa  
*Preparação de texto* Ana Maria Fiorini  
*Tradução* Vanise Pereira Dresch  
*Diagramação:* Felipe Gigeck  
*Revisão de texto* MPMB  
*Revisão técnica* Luciane Falcão e Renato Moares Lucas  
*Capa* Leandro Cunha  
*Imagem de capa* talvez este meu relato seja uma ponte no vazio, 2021 ©  
Guilherme Dable

## Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março  
de 2009.  
É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Roussillon, René  
O narcisismo e a análise do Eu / René Roussillon ;  
tradução de Vanise Pereira Dresch. -- São Paulo :  
Blucher, 2023.  
288 p. (Coleção Conferências de René Roussillon)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5506-370-7

1. Psicanálise 2. Narcisismo I. Título II. Dresch,  
Vanise Pereira III. Série  
22-5674 CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

## **Primeira parte**

<b>O narcisismo</b>	<b>11</b>
1. Problemática e paradoxos do narcisismo	13
2. Desconstrução dos paradoxos do narcisismo e primeira introdução do objeto em sua organização	43
3. A função do objeto na regulação narcísica	73
4. Do narcisismo à subjetividade	101

## **Segunda parte**

<b>Análise do Eu</b>	<b>131</b>
5. Problemática do conceito de Análise do Eu	133

6. Dialética e jogo dos envelopes	173
7. Em direção ao envelope narrativo	209
Conclusão e síntese	245
Referências	281
Sobre os organizadores	287

# 1. Problemática e paradoxos do narcisismo

A problemática do narcisismo vai muito além da questão da patologia do narcisismo, embora esta seja particularmente relevante para o trabalho com patologias narcísico-identitárias, as quais estão presentes, em certa medida, no cotidiano da clínica. Trata-se certamente de uma questão essencial para os clínicos, mas que, além disso, diz respeito a todos nós: à nossa vida, à relação de cada um consigo mesmo, à relação com nossos amores, com nossos pais e com nossos filhos. Não há esfera do funcionamento íntimo ou social que não seja afetada pela problemática do narcisismo. Em resumo, trata-se de uma questão vasta e candente.

Há, pois, uma dimensão narcísica em todos os problemas e em todos os encontros humanos. Por quê? Pela simples razão de que, se estamos envolvidos nesses encontros, a relação que mantemos com nós mesmos está necessariamente envolvida. Podemos até ir mais longe. Podemos dizer que se o narcisismo diz respeito à

relação que cada um tem consigo mesmo, na maioria das vezes o outro também é um mesmo. Isso merece ser comentado.

O narcisismo é a base da empatia, mas é também a base de todas as identificações possíveis de ocorrer nos encontros com outros sujeitos humanos, os quais, apesar das diferenças, são semelhantes. Freud emprega uma palavra para nomear esse outro que é também semelhante: o *Nebenmensch*, o homem ao lado, o vizinho, o semelhante. Em francês, podemos dizer *le proche, le prochain* [como em português, *o próximo*]. Meu próximo, meu *Nebenmensch*, é um outro eu-mesmo, mesmo sendo diferente. Na minha relação com o outro é fundamental criar uma ligação identificatória, pois, quando essa ligação com outro semelhante é muito difícil, veremos despontar o racismo, a xenofobia, até mesmo a clivagem e uma série de problemas que evidenciam uma incapacidade de perceber suficientemente o que, de si mesmo, há de semelhante no outro, ou que ele é portador de tudo aquilo que repudiamos em nós mesmos, que mantemos na clandestinidade, que é estranho a nós mesmos e que vamos atribuir ao outro na tentativa de nos libertarmos internamente.

Arriscando uma definição mais aproximada do narcisismo, podemos concebê-lo como um investimento do sujeito em si mesmo. Em outras palavras, é o modo pelo qual o sujeito mantém uma relação libidinal consigo mesmo: “eu me amo” ou “eu não me amo”, “eu me odeio” ou “eu me adulo”, “eu me admiro” ou “eu me detesto”, “eu me mataria”, além de todas as formas do sentimento interno de culpa. Todos os aspectos da relação do sujeito com ele próprio, portanto, estão envolvidos no narcisismo. Ressalto isso porque, quando se fala em narcisismo na mídia, sempre se trata do amor de alguém por si mesmo. De fato, se nós nos referirmos ao mito de Narciso, das *Metamorfoses* de Ovídio, sabemos que o Narciso da lenda se apaixona por si próprio. Porém esse amor é complexo,

porque a paixão de Narciso por si mesmo é tão avassaladora que o paralisa e o faz perecer. Em outras palavras, esse amor comporta em si uma espécie de êxtase destrutivo, de apagamento de si na relação consigo. Em Ovídio, aparece uma espécie de duplo de Narciso, a ninfa Eco. Conto brevemente essa história porque não tenho certeza de que o mito de Narciso seja conhecido em seus detalhes, os quais são importantes para a compreensão de todo o processo.

Vamos começar por Eco. Ela era uma jovem ninfa que costumava brincar e agradar a todos, sem dúvida, para ser amada pelas outras ninfas. Ajudava a ocultar as escapadelas de suas amigas com Zeus, o rei dos deuses. Certa vez, para desviar a atenção da esposa de Zeus do que estava acontecendo, tratou de falar com ela ininterruptamente. Hera, a esposa de Zeus, percebeu que fora lograda e julgou Eco pérfida por tê-la assim enganado. Por vingança, e considerando que Eco nunca tivera sua fala pessoal e sempre se pronunciava pelo desejo dos outros, Hera a condenou a não ter fala própria, a repetir somente a última palavra ou o último som ouvido.

Ao conhecer Narciso, Eco se apaixonou por sua beleza. Mas ele possuía uma peculiaridade maior: nunca tinha se visto, *não se conhecia*, e isso devido a um oráculo de Tirésias. O oráculo é a figura do destino, de cuja determinação é preciso escapar para ser livre. Todas as vezes que Tirésias intervém em uma lenda grega, é preciso ter cuidado, pois sempre se anunciam muitas consequências negativas. É o que acontece com Édipo e Narciso. Narciso era fruto do estupro de sua mãe, Liríope, pelo deus-río Cefiso. Consultado sobre o destino desse filho do estupro, Tirésias, o oráculo, declarou: “Ele só terá uma longa vida se não se conhecer”. Então, privado de tudo o que podia lhe servir de espelho, Narciso nunca se viu. Como não se via, buscava ser visto pelos outros e, graças à sua beleza, era muito admirado. Para se proteger do excesso de olhares, decidiu refugiar-se. Certo dia, escondida no meio do bosque, Eco



o avistou e se apaixonou perdidamente por ele. Ela tentou declarar seu amor, mas como fazê-lo se não tinha direito de falar por si mesma? Recorrendo à única possibilidade que lhe restava, ela tentou, então, repetir as palavras de Narciso. Começou a produzir ruídos para chamar a atenção, mas Narciso não a via em seu esconderijo no bosque. Pouco depois, cansado de não ver quem ele estava ouvindo, intimou: “Sai de teu esconderijo. Vamos nos unir”. Repetindo “vamos nos unir”, Eco saiu de seu esconderijo, aproximou-se de Narciso e disse: “Vamos nos unir”. Mas Narciso, que não suportava ser tocado (o *tocar/colar* é ameaçador se não for mediado pela representação visual de si mesmo, como examinaremos nos capítulos dedicados à análise do Eu, neste volume) lhe disse: “Não me toque, prefiro morrer a ser tocado por ti” (há que se admitir que não é uma resposta muito amável para uma jovem que vem declarar seu amor).

Para Eco, foi uma desonra, uma humilhação. Narciso não disse “desculpe, senhorita, meu coração já está comprometido” ou “por enquanto, eu gostaria de ficar sozinho”. Em vez disso, sua resposta foi uma rejeição terrível e radical: “Não me toque, prefiro morrer a ser tocado por ti”. É a morte que está implícita no *tocar/colar*. Eco refugiou-se então no bosque. Foi a primeira anoréxica identificável na história da humanidade, pois parou de comer, definhou, seus ossos se transformaram em pedras e com elas se confundiram. Eco desapareceu completamente, restou apenas sua voz. Segundo a narrativa da mitologia grega, é isso que faz com que ouçamos apenas o som de sua voz, como reflexos sonoros que repetem em eco a voz dos humanos quando há rochedos. Nesse mito, já aparece uma série de dados que caracterizam a problemática narcísica: o tocar, o eco, o reflexo, a autoconservação, o amor por si mesmo com seu anverso negativo – a anorexia e a morte –, quando esse amor tenta sair das necessidades da autoconservação.

Narciso rejeitou Eco, e seu drama pessoal começou. Ele se aproximou do rio – nasceu do estupro da ninfa, sua mãe, perpetrado por um rio. Podemos pensar que o rio não está dissociado da problemática, nunca formulada, do nascimento de Narciso, de sua própria origem, de seu *pai*, seu genitor. Narciso encantou-se com sua própria imagem refletida na água do rio. Ele nunca se viu, não *se conhecia*, não podia se reconhecer. Diante de seu próprio reflexo sobre o rio, achou divinamente belo aquele que ele viu. Apaixonou-se, então, por si mesmo, mas não sabia quem era, tomou-se por outro. Conhecemos a frase de Rimbaud “Eu é um outro”. Talvez exista alteridade em si mesmo.

A história poderia terminar aqui, mas continua, e cada detalhe do que seguirá é muito importante. Não tendo se reconhecido, Narciso tentou tocar na sua imagem que ele tomou por outro. Toda vez que mergulhava a mão (“vamos nos unir”) para tentar tocar nesse outro por quem estava apaixonado, a imagem sobre a água se embaralhava, o rosto desaparecia. Ele interpretou isso como uma fuga, a fuga de um *indiferente*. Chamou-o de *belo indiferente* – isso talvez explique por que, no rosto de Narciso, em seu próprio rosto refletido, havia indiferença. O objeto é inalcançável, indiferente.

Todas as problemáticas narcísicas já estão reunidas nesse mito. Narciso pode ser um drama do olhar, mas é, sobretudo, um drama do tocar, da mão, do encontro com um objeto inalcançável. Toda vez que Narciso mergulha a mão para alcançar o objeto, este desaparece, é intangível. Sempre que nos confrontamos com um objeto narcísico intangível, percebemos quão difícil é descolar-se dele; a colagem ao objeto intangível é um dos traços encontrados em todas as problemáticas passionais. Permaneceremos tanto mais colados ao objeto intangível quanto mais este possuir aspectos nossos que não nos foram completamente refletidos e que contêm uma parte de nós que a ele permanece colada.

Narciso tenta, portanto, capturar o outro, sem saber que é ele mesmo que habita esse outro. Totalmente fascinado, preso e colado a essa imagem de que não consegue tirar os olhos, ele tem o mesmo destino de Eco, motivo pelo qual eu disse anteriormente que um é o duplo do outro. A partir do momento em que o fascínio por uma imagem paralisa, imobiliza, não é mais possível comer nem viver. Narciso também definhou aos poucos. Apenas a título de curiosidade, e para encerrar esse mito, Narciso não apenas definhou, mas se tornou uma flor, o narciso que encontramos à beira dos rios. Fim da história de Ovídio. O mito de Narciso já contém muitos aspectos clínicos interessantes a serem observados, como o tocar e o olhar e a dialética entre o olho e a mão.

Freud, assim como o pensamento psicanalítico em geral, não se ateu à problemática do narcisismo tal qual aparece no mito de Ovídio. Aos poucos, porém, felizmente, os analistas começaram a se deparar com a psicose, com as depressões e as depressões severas – em particular a melancolia –, com a questão da criminalidade e suas problemáticas clínicas que flertam com a antissocialidade, como a perversão, com tudo aquilo que chamamos de problemática do limite, como os *borderlines*, os casos limítrofes etc. Todos esses quadros psicopatológicos têm uma característica em comum: a centralidade da problemática de uma patologia do narcisismo, da relação do sujeito consigo mesmo.

Freud pensou as patologias humanas abordando-as inicialmente do ponto de vista do conflito, conflito entre um desejo e um interdito, mas, nos quadros psicopatológicos mencionados, perceberemos que não é necessariamente o conflito que está em primeiro plano. E decerto não é o conflito entre um movimento pulsional e um interdito, entre um desejo e um interdito, mas um impossível, uma impotência, um impasse. O narcisismo confronta com outras figuras lógicas que geram um impasse, em particular, como

proponho no título deste primeiro capítulo, certos paradoxos, isto é, situações em que se anda em círculo, para as quais não se vê saída. A ideia basal subjacente ao narcisismo é a necessidade de investimento. Não podemos viver sem investimento. Não podemos viver sem investimento amoroso. Há um provérbio chinês que diz: “As crianças que não são amadas morrem disso”. Talvez também não possamos viver sem investimento de ódio, porque um amor que fosse só amor, amor total, amor o tempo todo, logo se tornaria insuportável. Também precisamos de outras coisas além do amor. Um dos problemas mais difíceis de suportar no confronto com a transferência é a adoração. É mais fácil suportar a raiva, o ódio e *tutti quanti* do que ser adorado por alguém que nos olha encantado, que devora com os olhos, sem dizer uma palavra, numa espécie de adoração que congela, paralisa e, de certa forma, dessubjetiva. Portanto, ser investido é necessário, e de diferentes maneiras. Investimento de amor, investimento de ódio. Além disso, um investimento é quantitativo: é preciso ser amado suficientemente, diríamos com Winnicott. É preciso, também, ser suficientemente odiado, com certeza suficientemente menos do que se é amado. O investimento também tem de ser qualitativo: não apenas sou *amado* ou *sou odiado*, mas como fui amado, como sou amado, como fui ou sou odiado.

Atendo pacientes, com certa frequência, que me dizem: “Não entendo por que minha vida não está dando certo, meus pais me amavam”. Depois de seis meses examinando mais de perto o modo como o sujeito foi amado, percebemos que nesse amor sua subjetividade e sua alteridade nunca foram reconhecidas; ele era amado sob a condição de ser o mesmo e não um outro, não um outro-sujeito, mas um mesmo-sujeito, submetido ao desejo dos pais. Em outras palavras, uma quantidade de amor faz bem, uma quantidade de ódio – mínima – faz bem, mas a qualidade desses afetos é tão fundamental quanto a quantidade, e talvez até mais.

Uma menor quantidade e uma maior qualidade é melhor do que grande quantidade sem muita qualidade. Este é um dado essencial à clínica.

Quando examinamos tudo o que é necessário ao Eu para crescer, alimentar-se e desenvolver-se, constatamos que ele precisa certamente de investimento. Precisa de quantidade, mas, acima de tudo, de qualidade das respostas e ecos de seu entorno primário. É nesse sentido que todo o conhecimento e a compreensão da clínica têm avançado e se desenvolvido nos últimos quarenta ou cinquenta anos.

Freud percebeu muito bem a importância da quantidade no investimento. Não dimensionou suficientemente – é sempre difícil dizê-lo em se tratando de Freud – as necessidades qualitativas no desenvolvimento inicial. Tenho certeza, no entanto, de que, se analisarmos atentamente, encontraremos em sua obra pequenos indícios de sua percepção do problema. Mas a questão do investimento qualitativo não foi posta no centro de seu pensamento, nem, em particular, no centro de seus primeiros trabalhos. Apesar de não ter sido fundamental para Freud, essa questão se tornou cada vez mais importante na obra de seus sucessores.

A ideia de narcisismo tende a nos fazer colocar o Eu em primeiro plano. Trata-se, pois, do investimento do Eu. Meu investimento do meu Eu. Neste caso, não é apenas o investimento do Eu, mas também o investimento do corpo – e, aqui, surge o problema da autoconservação. Há casos de enorme investimento do Eu pelo sujeito, talvez de forma um tanto suspeita, enquanto o corpo e sua autoconservação carecem de investimento. É o caso, por exemplo, da maioria dos grandes intelectuais, que investe fortemente o Eu, inflando-o às vezes. Em contrapartida, o investimento do corpo e a atenção às necessidades corporais – portanto, um investimento em autoconservação – são muito mais difíceis para esses sujeitos. Trata-se, também, de um investimento de toda a esfera

psicossomática. Toda a articulação do Eu com o corpo. Esse investimento é também – e esta é uma dimensão que foi trabalhada mais tardiamente – um investimento dos processos.

Devemos a Piera Aulagnier, em particular, o fato de ter lançado luz sobre a importância de todas as problemáticas da autorrepresentação dos processos, do autoinvestimento de nossos próprios processos. Todos os aspectos de nós mesmos estão envolvidos na questão dos investimentos tanto quantitativos quanto qualitativos. Por exemplo, no investimento da coesão de si mesmo, todas as partes do Eu têm de se manter unidas, senão o sujeito torna-se vulnerável às angústias de fragmentação, às angústias de despedaçamento, tendo a impressão de se dissipar, de explodir pela carga e pela multiplicidade de tarefas com que se depara. Essa importante coesão de si mesmo difere de outra necessidade igualmente importante, a da coerência. Nós, adultos, temos de ser coerentes, mas ocorre que, quando não nos compreendemos, somos incoerentes. Para me referir mais uma vez à clínica, é muito comum as pessoas dizerem: “Eu sei, não devo reatar com essa mulher (ou esse homem), ela(e) foi destrutiva(o) para mim, ela(e) foi devastador(a) para mim, mas não consigo evitar isso”. Incoerência. “É mais forte do que eu.” É mais forte do que o Eu. “Isso me leva para além do meu eu.” Essa falha na coerência é muito dolorosa para o Eu, que descobre, de certa forma, não ser o comandante a bordo, que algo mais forte do que ele o impele, e isso é vivenciado como uma ferida, um fracasso, uma falência.

Então, além de um trabalho de coesão, da necessidade de que tudo se mantenha unido, é necessária a coerência, ou seja, que as coisas tenham um sentido, que possam ser compreendidas pelo sujeito para poderem, assim, serem integradas. O investimento do Eu deve possibilitar uma forma de ligação interna de todas as partes de si mesmo. Dando um passo à frente, percebemos que

a questão da própria identidade é afetada, de certa forma, pela qualidade do narcisismo. O sentimento de identidade, o narcisismo e a ligação são, também, o que torna possível o sentimento de continuidade, desde o início da vida até a morte; apesar das mudanças, das variações, da travessia por diferentes estados somáticos, permanecemos nós mesmos. Aliás, esse é, sem dúvida, um dos paradoxos da identidade. A identidade consiste em continuar sendo si mesmo, sentir-se o mesmo apesar de incessantes variações emocionais, de humor etc. Num dia, estou com raiva, grito, não me reconheço, isso não é normal, mas ainda sei que sou eu; noutro, estou calmo, amável, gentil. O sujeito passa por estados emocionais extremamente contrastantes e diferentes, mas permanece o mesmo. Muda o tempo todo, mas é sempre o mesmo. Este é um dos paradoxos do nosso sentimento de identidade: mudar permanecendo o mesmo. É quando se recusa a variação, nesse paradoxo, do sentimento de identidade, que começam os transtornos identitários: “Ah, não, não me reconheço, não sou eu. Não, eu sou calmo, então, se estou com raiva, não sou eu. Se não sou eu, quem é? Não sei. Estou possuído por sabe-se lá qual espírito malévolos que tomou conta de mim, ou por um feiticeiro”, dependendo da cultura. Se realmente quisermos ser capazes de admitir todas as particularidades de nós mesmos – e Deus sabe o quanto somos sujeitos dotados de múltiplas particularidades e complexidades –, devemos aceitar esse paradoxo do narcisismo e da identidade: não paramos de mudar enquanto permanecemos nós mesmos.

Mas, para isso, é preciso primeiramente sentir-se. Dizemos: “eu me sinto bem” ou “eu me sinto mal”, “não consigo senti-lo”. Esse registro é o do tato, da primeira sensação, sentir é tocar-se afetivamente. Na prática clínica, deparamo-nos, às vezes, com pacientes considerados psicóticos. Digo *considerados psicóticos* porque não gosto de dizer que alguém é psicótico. Para mim, um

sujeito humano não é psicótico, é um humano com processos psicóticos, mas é essencialmente humano. Se digo *considerado psicótico* é para poder conversar com aqueles que deram tal diagnóstico. Sujeito *considerado psicótico* me faz pensar, por exemplo, em um de meus pacientes que chega e fala comigo resmungando. Então eu pergunto: “Você está com raiva?”. Ele levanta a voz e responde: “Como assim, estou com raiva? Não estou com raiva de jeito nenhum” (gritando). Ele não sente sua raiva, mas eu bem sei quanto me fez senti-la – a raiva é explícita, mas ele não a sente. Costuma-se dizer, em francês, de pessoas narcisistas muito infladas, que elas *ne se sentent plus pisser* [não se sentem mais urinando]. É a mesma coisa. Há pessoas que não se sentem mais. Algumas não sentem mais seus limites, a dependência em relação ao corpo, em relação aos sistemas biológicos. O Eu está tão inflado que o corpo, principalmente o da autoconservação, parece desaparecer, mas é claro que, nesses sujeitos, há uma parte que sente, apesar de não sentirem que sentem.

A capacidade de sentir-se é uma aquisição teórica pós-freudiana. Para Freud, a partir do momento em que algo existe, sentimos, e se não sentimos é porque recusamos o que sentimos. Atualmente, pode-se pensar que certos sujeitos não sentem que sentem, porque não estabeleceram uma conexão interna com suas sensações. Essa conexão não foi organizada, construída, carece de reflexividade. Um dos grandes obstáculos ao modo de tratamento da patologia do narcisismo é buscar respostas para estas perguntas: o que faz com que eu me sinta e o que faz com que eu não me sinta? O que faz com que eu me sinta bem e o que faz com que eu me sinta mal? E o que faz com que eu deixe de me sentir ou não?

Penso em uma de minhas pacientes jovens que tinha episódios de despersonalização nos quais ela não se sentia mais; então, com um cigarro, queimava a mão para que a dor intensa a fizesse sentir-se



novamente. Fritz Zorn, no livro em que descreve seu câncer, escreve: “Ali onde dói sou eu”. Muitos sujeitos precisam da dor para poderem sentir-se, ou, ao menos, precisam infligir-se uma sensação intensa – Michel de M’Uzan os denominou “escravos da quantidade”.

Portanto, eis o que está em jogo: deixar de sentir-se é, de certa forma, correr o risco de desaparecer e também, talvez, ter a impressão de deixar de existir para o outro. Esse é um primeiro nível do narcisismo, uma primeira camada, um primeiro envelope, um primeiro estrato, como vimos anteriormente: “prefiro morrer a ser tocado”. Mas, como mostra a continuação do mito, não tocar também mata.

O segundo nível de narcisismo, o do investimento de si próprio, é visual, o sujeito precisa se ver. Essa dimensão também pode ser consideravelmente observada no trabalho clínico: certos sujeitos não se veem e vêm para ser vistos, não param de tentar ser vistos. Esse comportamento é explícito nas crianças, as quais fazem de tudo para aparecer quando não olhamos suficientemente para elas; ou fazem travessuras que, infelizmente, suscitam às vezes comentários depreciativos como “*il fait son intéressant*”<sup>1</sup> – o que, para uma criança, é muito pejorativo e falso, pois não é que queira *faire son intéressant*, e sim que precisa do olhar do outro para ver a si mesma, para *sentir-se interessante*. Só nos vemos bem se fomos bem-vistos, senão somos malvistas. Percebam a polissemia da expressão *ser malvisto*. “Ah, aquele é malvisto em sua classe”, ou seja, ele é visto com maus olhos. Todas essas palavras contribuem para mostrar que algo relacionado ao olhar, nesse sujeito, é negativo.

Outro exemplo. Você trabalha em um hospital psiquiátrico ou em um hospital geral, e os enfermeiros, para se referirem a um paciente que lhes causa transtorno, dizem: “A senhora do cinco

---

1 A expressão *faire son intéressant* equivale a bancar o interessante, chamar a atenção [N.T.].

é difícil!” (cinco é o número do quarto ou do leito). Os pacientes não são chamados pelo seu nome, são nomeados pelo lugar onde estão, o que é um tanto complicado no que diz respeito à identidade. “Você tem que ir vê-la”. E você encontra uma senhora amável que lhe diz prontamente: “Ah, se você soubesse tudo o que fizeram comigo!”. Essa senhora levanta a saia e mostra suas cicatrizes. Ela precisa ser vista e precisa que suas cicatrizes, o que foi feito com ela, sejam vistas, mesmo à custa de qualquer pudor, como uma menininha. Alguns médicos reagem: “Não, isso é perverso, uma forma perversa de sedução. Não devemos olhar, não devemos ver. Estamos ali para ouvir, não para sentir ou ver. Esconda isso e fale”. Ocorre que os pacientes não precisam necessariamente ser ouvidos, precisam, também, ser vistos, ser vistos para serem ouvidos. E isso representa um problema, de fato, para os enfermeiros. Sempre que nos deparamos com comportamentos aparentemente muito provocativos, devemos pensar que tais comportamentos conduzem ao falar, mas partindo do mostrar; *pro-vocare* significa impelir a falar, a dizer.

De certa forma, Freud partiu dessa questão quando começou a trabalhar sobre as problemáticas histéricas. Os *histéricos* eram sujeitos que, à época, chamavam-se histriônicos, isto é, sujeitos que se exibiam. A resposta de Freud foi: “Deite-se, fale comigo, não estou olhando para você”, para tentar escapar dessa dominação. Para pacientes considerados histéricos, isso era, sem dúvida, pertinente.

Entretanto, infelizmente esse dispositivo foi mantido com pacientes para os quais o problema não era se mostrar, pelo contrário, era apagar-se, desaparecer, e que, na verdade, precisavam ser olhados, vistos, investidos com o olhar. Todos que trabalham com crianças pequenas sabem da importância do olhar na primeira infância. Uma criança, que precisa ser olhada em sua atividade diz: “Papai, mamãe, olhem para mim, vejam o que vou fazer”. Pode-se

pensar que as crianças deveriam se alegrar pelo simples fato de estarem fazendo isto ou aquilo. Mas elas não funcionam assim. Precisam que os adultos reconheçam e lhes devolvam o reflexo do que acabaram de fazer.

Primeiro registro: sentir-se.

Segundo registro: ser visto, reconhecido.

Terceiro registro da reflexividade: ser ouvido.

A língua francesa é extraordinária: os sujeitos dizem que *ils se sentent mal* [sentem-se mal], ou que são *mal vus* [mal vistos ou malvistas], e que há *mal entendus* [mal-entendidos]. Pior que *mal entendus*, dizem *mal dits* [malfalados] e *maudits* [malditos]. Quando alguém é *maudit* é porque houve *malédiction* [maldição]. As palavras francesas são extraordinariamente eloquentes. Não sei se é assim em outras línguas, talvez em línguas latinas que muitas vezes têm as mesmas raízes, mas não tenho tanta certeza relativamente às línguas anglo-saxônicas.

É preciso, pois, ser ouvido. Às vezes é complicado, pois sentir-se, ver-se e ouvir-se pode levar a uma espécie de dissociação. O sujeito se coloca fora de si mesmo e se escuta. Alguns se escutam falar, ou seja, não só falam, mas também se escutam – não quero dizer se ouvem –, é como se estivessem fora de si mesmos, escutando-se. Essa necessidade indica uma espécie de fragilidade narcísica, o que produz uma forma de hiato na comunicação humana. Outros sujeitos, em proporção cada vez maior hoje em dia, precisam mostrar tudo o que fazem. Refiro-me à proliferação de *selfies*. Quando alguém visita um monumento, talvez menos pelo prazer de conhecê-lo do que pela necessidade de se mostrar em frente, *faz uma selfie* e depois publica no Facebook. O sujeito *se mostra*, como se deixasse de ser o protagonista de sua própria história, como se fosse o protagonista de uma história que conta

aos outros, e, assim, de certa forma, dessubjetiva-se, desloca-se de si próprio. Ao tirar foto dos outros, ou, ainda, ao pedir a outra pessoa para tirar uma foto sua, ao contrário, o sujeito está no seu lugar, mostra o que seus olhos veem.

Encontramos o mesmo tipo de processo no que diz respeito ao *sentir-se*, ao sentir. Mencionei anteriormente o caso de meu paciente, irritado, que me diz: “Não, não estou com raiva”. Ele precisa que eu o sinta com raiva para poder sentir-se assim. Se o outro não sentir por ele, ele não consegue sentir-se com raiva. Eu havia começado a sessão perguntando: “Você está com raiva?”. Na hora, ele respondeu “Não, não estou com raiva”. Mas, 45 minutos depois, disse-me: “Talvez eu estivesse com raiva antes”. Ele conseguiu começar a sentir sua raiva porque eu refleti seu afeto, como um espelho afetivo. Notem que estou fazendo uma apresentação sobre o narcisismo, tentando mostrar, ao mesmo tempo, quanto o narcisismo e as problemáticas narcísicas encontradas na clínica envolvem o outro, um objeto, um outro-sujeito.

Existe uma maneira de sentir, ver ou ouvir a si mesmo que é transicional, nem dentro nem fora, ela advém do processo. À medida que falamos, ouvimo-nos (não estou dizendo escutar-se, mas ouvir-se), produzimos e vemos a nós mesmos, sentimo-nos nos mostrando. A reflexividade, ou seja, a formação de um circuito de retorno reflexivo, deve ser efeito do próprio processo. No estudo do funcionamento do cérebro, como mostram todas as pesquisas atuais em neurobiologia, são descritas as chamadas cópias eferentes: cada vez que ocorre um processo, produz-se um circuito de retorno reflexivo que informa que o processo está em curso. É a existência de uma cópia eferente que faz com que o sujeito ouça a si mesmo quando fala; quando se sente, sente sentir a si mesmo e quando se vê, sente ver e mostrar a si mesmo.

Passemos agora à história de como Freud descobriu e formulou as questões atinentes ao narcisismo. Ao lermos os primeiros textos de Freud, especialmente até 1914, percebemos que determinadas questões não estão presentes em suas reflexões. Ele nunca usa o termo narcisismo, apesar de vir do século XIX e de conhecer Havelock Ellis, tendo o termo à sua disposição. O mesmo acontece no que se refere ao Eu, palavra usada por ele no sentido corrente, como pronome, eu, você, ela, ele, nós. O Eu como instância psíquica ainda não é um conceito. O modelo tópico com o qual Freud teoriza é formado por três conceitos: consciente, pré-consciente, inconsciente. A questão do Eu está ausente.

Freud começa a se interessar pela questão do Eu a partir do momento em que se depara com a problemática da psicose, quando realmente a encontra. Ele a encontra em Schreber (1911) e formula sua hipótese basal, a de um fundo homossexual na paranoia: “eu (um homem) o amo (a ele, um homem)”. Partindo dessa formulação axial, ele propõe uma série de variações sobre a questão de saber onde está o sujeito. Primeira variação: “eu não o amo (desmentida), eu o odeio”; segunda variação: “eu não amo de modo algum, eu não amo ninguém”; por último: “eu só amo a mim mesmo”. O Eu aparece como objeto, objeto na megalomania.

Freud continua a se debruçar sobre essa questão e, em 1914, escreve um artigo intitulado “À guisa de introdução ao narcisismo”, que trata do problema do investimento de uma instância particular que ele ainda não havia nomeado, nem identificado como tal, e que chamará *o Eu*.

A emergência do narcisismo e a do Eu são contemporâneas em seu pensamento. Esse é o primeiro episódio. Depois, num segundo episódio, entre 1914 e 1915, Freud pensa que, com o narcisismo à sua disposição, poderia apresentar o conjunto da metapsicologia. Em 1916, prepara uma série de conferências destinadas, de certa

forma, ao grande público, as *Conferências introdutórias à psicanálise*. Mas já estava em projeto a redação de quinze artigos para apresentar de forma mais especializada a metapsicologia em sua íntegra. Freud escreve um primeiro artigo, depois um segundo, um terceiro, um quarto, um quinto e um sexto. Este último se intitula *Luto e melancolia*. Nesse momento, ele para, não consegue mais escrever os outros. O que contém esse texto, *Luto e melancolia*, que faz com que, de repente, Freud não consiga mais escrever os outros, como previsto? Há também outro artigo que não foi publicado com os ensaios sobre metapsicologia, intitulado *Visão geral das neuroses de transferência*, e que foi encontrado nos arquivos de S. Ferenczi, mas que em nada altera essencialmente o fato de Freud ter interrompido o projeto depois de ter escrito “Luto e melancolia”. O que acontece nesse texto? Ressalto, de passagem, que Freud chamou a melancolia de *neurose narcísica*. Ela está no cerne das problemáticas narcísicas, constitui o próprio modelo destas.

Penso que Freud para de escrever porque descobre um paradoxo em seu modelo basal. Até então, seu modelo baseava-se na simples ideia de que bastava renunciar à identidade de percepção, renunciar a reencontrar o objeto perdido idêntico, para fazer o luto do objeto e assim poder passar ao que Freud chamou de identidade de pensamento, mais *parcial e simbólica*. Passando de “eu fui loucamente apaixonado por minha mãe” (identidade de percepção), “continuo procurando minha mãe em todas as mulheres, mas não a encontro”, à identidade de pensamento, o sujeito pode transferir sua mãe, de acordo com alguns de seus traços, para outra mulher, ou mesmo para um homem. Ele pode, então, encontrar outra mulher (ou um homem como o pai) que virá substituir sua mãe (seu pai), com alguns traços dela (dele), mas apenas uma parte; ela (ele) será semelhante, não idêntica(o). Passa-se da busca do *todo* àquela de uma parte que simboliza o todo e renuncia-se à busca da totalidade, da semelhança absoluta.

O modelo, então, é simples. Para fazer o luto, quando o objeto é perdido (ou proibido), é necessário continuar vivendo e transferir algo do objeto perdido (proibido) para outros objetos. Para isso, o sujeito não deve mais procurar o objeto tal qual era, mas buscar encontrar algo suficientemente semelhante para o pensamento, ou seja, a simbolização. Mas a melancolia nos confronta com estas perguntas: por que alguns sujeitos não conseguem fazê-lo e são incapazes de fazer o luto? Por que os pacientes melancólicos não conseguem renunciar a buscar o mesmo objeto e permanecem totalmente colados, como Eco ou Narciso, ao mesmo objeto perdido, proibido ou inalcançável, sem conseguirem transferir algo desse investimento para outro objeto?

Freud propôs uma teoria simples: para simbolizar, o sujeito precisa renunciar a buscar a identidade de percepção do objeto, renunciar a encontrar o objeto idêntico. Ele tem de investir a identidade de pensamento, tem de investir o pensamento, a representação simbólica. O que Freud descobre com a melancolia, a qual vai abalar o modelo, é o fato de que, para poder renunciar à identidade de percepção, é preciso já ter simbolizado o objeto, já ter construído uma representação interna do objeto.

Vamos resumir o paradoxo, no qual ele esbarra sem formulá-lo com clareza: para simbolizar, é preciso renunciar a encontrar o objeto tal qual percebido, mas, para renunciar ao objeto, é preciso simbolizá-lo sob forma de representação simbólica do próprio objeto. Onde está a galinha? Onde está o ovo? Onde começa? Onde termina? O raciocínio gira em círculos, é absolutamente insustentável. A teoria esbarra em algo que não está previsto na metapsicologia da época, em um processo que não é da ordem do conflito, mas do paradoxo.

O paradoxo é um dos pontos de partida dos trabalhos realizados na Universidade Lyon II em que tentamos analisá-lo. Para

sair do impasse teórico, e baseando-me numa intuição de Didier Anzieu, lancei a ideia de que devemos pensar em dois tipos diferentes de simbolização. Talvez a simbolização necessária para poder renunciar ao objeto não seja a mesma que resulta da renúncia ao objeto. Propus chamar a primeira de *simbolização primária*, pois ela advém dos processos primários descritos por Freud, e a segunda, relacionada aos processos secundários, de *simbolização secundária*. Até então, toda a teoria da simbolização estava ancorada na ideia de que o sujeito simboliza um objeto ausente, um objeto perdido cuja perda ele aceitou, enquanto a simbolização para renunciar, a simbolização primária, é um processo que se constrói na presença, no encontro e graças a um certo modo de presença do objeto. Em outras palavras, não se trata mais de uma simbolização do objeto ausente, mas, sim, de uma simbolização do objeto presente, encontrado, uma simbolização do *processo de encontro*.

Numa leitura atenta de *Luto e melancolia*, descobrimos que, ao contrário do que muitas vezes vemos escrito – inclusive por alguns bons colegas psicanalistas – e diferentemente do que se costuma ler, Freud não refere o problema da melancolia exclusivamente a um objeto perdido. Uma leitura mais atenta mostra, antes, que Freud remete a melancolia também a um objeto decepcionante. Um objeto perdido é efetivamente um objeto ausente, portanto, simboliza-se a ausência. Já um objeto decepcionante é aquele que está presente e decepciona. De certa maneira, isso abala, em parte, o edifício metapsicológico freudiano.

Freud introduz outros dados complementares. Ele aponta que o objeto em questão na melancolia não é um objeto qualquer, mas um objeto que ele chamará de *narcísico*. É com Winnicott, muito mais tarde, que compreendemos melhor o que é esse objeto narcísico e o que de fato implica.



Um segundo ponto importante que Freud começou a intuir, mas ainda leva tempo para aclarar, diz respeito ao lugar do Eu em todo o processo psíquico. De repente, surge o Eu, e isso muda tudo. Por quê? Porque, por exemplo, o problema não é mais a pulsão, e sim a questão de saber se a pulsão está ou não está no Eu, e, quando ali está, de que modo ali está. Em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, há uma pulsão oral, uma pulsão anal e uma pulsão fálica, sucessivamente. Onde situar o Eu em relação a essas diferentes pulsões?

A pulsão oral está em um Eu oral? A pulsão anal está em um Eu anal? O que seria um Eu anal? O que seria um Eu fálico? Ao lermos os textos de Freud após a introdução do Eu, percebemos a chegada de novas formulações. Por exemplo, Freud não diz mais *pulsão anal*, diz, em 1926, *a organização anal da pulsão*. O que organiza a pulsão anal? Só pode ser o Eu, o único *organizador* possível.

Assim, o problema não é mais a pulsão, mas a pulsão organizada pelo Eu. Isso tem consequências consideráveis. A ideia de que há uma pulsão oral, uma pulsão anal e uma pulsão fálica não significa absolutamente mais nada. A pulsão é sempre pulsão, o que muda diz respeito ao modo como ela se organiza. O problema não é mais o mesmo. Não é mais possível raciocinar em termos de fases, em termos de pulsão da fase oral, pois esta é uma abordagem equivocada. Há, também, a questão das pulsões *parciais*: o que pode ser uma pulsão parcial no novo modelo que se delinea? Freud é muito explícito quanto à existência das pulsões – agora ditas de vida e de morte, enquanto, antes, eram pulsões sexuais ou do Eu e autoconservativas – as quais são organizadas pelo Eu. O Eu da oralidade produzirá uma organização oral da pulsão, o Eu da analidade, uma organização anal da pulsão, e o Eu fálico, uma organização fálica da pulsão, mas é sempre a pulsão, são as mesmas pulsões organizadas de maneiras diferentes. Aliás, Freud vai

aos poucos deixando de dizer *pulsões*, passando a falar em *moções pulsionais*, ou seja, movimentos pulsionais.

Como quem não quer nada, ele introduz o Eu no aparelho psíquico, o que muda tudo e lança luz, de repente, sobre vários problemas que nunca haviam sido levantados ou que foram diferentemente abordados antes ou até mesmo mal abordados. A partir do momento em que o Eu, ou seja, o investimento do Eu, é introduzido, toda a configuração metapsicológica se modifica. É isso que torna impossível juntar uma parte do pensamento de Freud de 1905 com outra de 1925; entre uma e outra, sucedeu-se uma mudança de paradigma, e apesar de serem os mesmos termos empregados, eles não abarcam mais os mesmos conceitos.

Cada um de nós tem o direito absoluto de mexer com o que quiser na metapsicologia, se isso tiver serventia na prática. Mas é preciso tomar cuidado ao teorizar, pois o que Freud diz em 1905 corresponde a uma concepção da pulsão, o que diz em 1915 corresponde a outra concepção da pulsão, e o que diz em 1926, a uma terceira concepção da vida pulsional. Até que ponto podemos reunir tudo isso em enunciados metapsicológicos? Na clínica, o importante é construir raciocínios que nos ajudem a compreender o que está acontecendo com nossos pacientes. Mas isso se torna mais complexo na teorização, quando escrevemos e tentamos explicar metapsicologicamente os fatos observados, pois corremos o risco de gerar incoerências ou falsos problemas. Misturar uma citação que corresponde a uma determinada concepção do funcionamento psíquico com outra que corresponde a uma concepção completamente diferente acaba criando falsos problemas, até mesmo falsos conceitos e erros clínicos significativos.

Assim, apesar de ter interrompido os ensaios metapsicológicos depois de redigir *Luto e melancolia*, em 1915-1916, Freud não parou de escrever e produziu outros textos importantes do ponto

de vista da problemática do narcisismo. Levamos muito tempo para perceber isso, porque certos textos eram considerados de aplicação da psicanálise, enquanto outros, às vezes, já não eram realmente tidos como psicanalíticos, como se não se referissem mais à psicanálise.

O artigo ao qual vou me referir agora se intitula *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica* (1916/1985d). Freud parte do teatro, do romance e da criminalidade. A psicanálise se referiria apenas aos sujeitos que se deitam no divã? A realidade é um tanto mais complexa do que isso. Freud trabalhava com o material psíquico que encontrava. Então, em 1916, escreveu esse artigo absolutamente essencial para a compreensão da problemática narcísica. Ele descreve três *traços de caráter*: o primeiro é o das exceções. Entramos diretamente numa problemática narcísica que diz respeito a sujeitos que assumem uma posição baseada na ideia de que “a lei é para os outros, eu sou uma exceção à lei”. Essa problemática é frequentemente encontrada em nossa experiência clínica. Freud busca um exemplo num dos maiores exploradores do narcisismo que a Terra deu à luz e que é William Shakespeare. Para estudar os diferentes quadros narcísicos, leia William Shakespeare. Em todas as suas peças, é explorada, com muita pertinência, alguma grande problemática narcísica. Em *Ricardo III* – voltaremos a ele – Freud escolhe o *herói*; em *Otelo*, a problemática do ciúme é posta em primeiro plano na relação entre Otelo e Desdêmona; em *Hamlet*, a problemática narcísica é imensa; em *Rei Lear*, é a problemática da loucura e da transmissão que está no cerne da trama. Em todas as peças de Shakespeare, uma problemática fundamental do narcisismo é descrita e trabalhada. Seria realmente possível tentar analisar o ciúme sem recorrer ao documento extraordinário que *Otelo* fornece? Poderíamos estudar uma problemática relacionada ao exílio sem *Otelo*? Otelo era exilado, foi aceito em Veneza, mas

vinha de outro lugar – isso está muito presente na peça. No que diz respeito às *exceções*, Freud se baseia em *Ricardo III* de Shakespeare.

Tudo é dito na primeira cena. Em monólogo, Ricardo III está sozinho e explica seu problema existencial, que aqui resumo: “Sou feio, os cães me ladram quando passo, sou disforme, não possuo nada para atrair o amor”. Primeira representação de si mesmo: “sou feio”. Há um possível jogo de palavras em francês: *je suis laid* [sou feio] = *je suis vilain* [sou vilão ou sou feio]. Um *vilain petit garçon* é um garoto feio, mas também é um garoto malvado que não corresponde ao que dele se espera. Ricardo III joga, de certa maneira, com o fato de ser feio e chega à seguinte conclusão: “É inútil eu tentar encantar, tentar ser amado, é trabalho perdido, posto que sou assim desde o nascimento”. Vamos entender, no final da peça, que ele não está errado. Sua mãe o investiu de forma negativa desde o início, e, em determinado momento, a rainha Margaret o chama de *cacodaemon*. Ela ficou muito angustiada durante toda a gravidez e, no momento em que o deu à luz, agiu como se fosse culpada, devido à sua angústia, por ele ser um *caca daemon*<sup>2</sup>, ou seja, um ser demoníaco. O *daímôn* é aquele que dessimboliza, que rompe tudo. E Ricardo III concluirá: “Já que é assim, então, que o mal seja o meu bem”. Vou investir o mal como se fosse o bem.

Vamos nos deter por um instante nesse enunciado. Na base humana do funcionamento psíquico, da organização psíquica, encontra-se a ideia de que há o bem, de um lado, e o mal, de outro. Há o bom, de um lado, e o mau, de outro, e os dois não se misturam. Se, de repente, o bom se torna o mau e, inversamente, o mau

---

2 *Cacodaemon* (cacodemônio) é um espírito maligno ou, no sentido moderno da palavra, um demônio. A palavra *cacodaemon* vem do latim, do grego antigo *kakodaimôn*. No texto shakespeariano original, a grafia é *cacodaemon*, mas, aqui, o autor quer fazer um jogo de palavras e escreve *caca daemon*. *Caca* significa cocô em português. Em muitas traduções da peça para o português, lemos “hediondos demônios” [N.T.].

se torna o bom, toda a lógica basal é destruída. A lógica do conflito é aquela do bem em oposição ao mal, a qual é a base do *princípio de prazer/desprazer* – o bom é o que proporciona prazer e o mau é o que gera despreazer. Ou ao contrário, o despreazer é o mal e o mau porque suscita despreazer; o prazer é o bem e o bom porque dá prazer. Essa foi a lógica fundamental adotada por Freud, à época, para tentar conceber a organização psíquica. Todo o nosso aparelho psíquico baseia-se neste princípio e nesta oposição: buscamos o prazer e evitamos o despreazer.

O princípio básico da organização psíquica é perturbado se o mal se torna o bem e o bem se torna o mal. *Que o mal seja o meu bem* é um paradoxo. Já havíamos nos deparado com o paradoxo da problemática melancólica da simbolização e aqui encontramos um novo paradoxo relativo à exploração do narcisismo.

Na clínica, vemos crianças, ou adultos, que se comportam, por exemplo, de maneira sádica, destrutiva, como se destruição não fosse destruição, com se não fosse o mal, mas, sim, o objetivo da vida. No plano manifesto, observamos uma inversão de valores que obscurece o sentido. Por que esse excesso de destrutividade e de negatividade? Por que essa ânsia pelo negativo, ao passo que tendemos a pensar que aquilo que faz bem é positivo e que o negativo não faz bem? Aqui, ao contrário, trata-se do investimento do mal e do mau.

Temos um exemplo: “Às vezes dirijo um pouco rápido e, conseqüentemente, perdi pontos na carteira. Neste verão, criei coragem para fazer uma reciclagem. Confesso que é muito difícil, é uma prova em dobro, primeiro porque as pessoas que deveriam ensinar não se importam, e é um pouco complicado se interessar pelo que eles ensinam. Mas assim também podemos conhecer pessoas que são incomuns em nossas vidas. Nesse curso, havia um cara numa situação excepcional: ele dirigia sem carteira, já não tinha mais a

sua, e dirigia a 180, 190. Quando o instrutor tentou perguntar por que ele fazia isso, ele respondeu simplesmente: ‘Porque sou eu, sou assim’. Conversei um pouco com ele, porque me intrigou. E percebi que ele estava fora da lei, fora de qualquer lei, e só obedecia à sua própria lei, não havia outras senão a do seu bel-prazer, da sua liberdade individual. É uma forma da chamada lei *do cada um por si*”. De certa maneira, a lei *do cada um por si* é a lei do mais forte, que não é uma lei, e sim a consequência do fato de alguém ser (acreditar-se) excepcionalmente forte.

Em muitos pacientes depressivos, melancólicos e outros, percebemos uma posição subjetiva fundamental que se baseia no seguinte postulado: *eu não sou como os outros*. É claro que nenhum de nós é *como os outros*. Somos todos únicos, isso é um fato. Porém, quando alguém afirma *eu não sou como os outros*, há uma posição subjetiva que significa *eu sou uma exceção à regra, a todas as regras*. Se prestarmos atenção em nossas estrelas e celebridades, podemos constatar muitas vezes suas personalidades narcísicas marcantes. Não resta dúvida de que é difícil para essas celebridades serem aduladas como são, a adoração é terrível para o equilíbrio narcísico e elas acabam por se considerar excepcionais, como lhes é dito o tempo todo. Mas também encontramos um número considerável de suicídios ou de destinos trágicos, como aconteceu recentemente com Ophélie Winter, que se viu hospitalizada, arruinada, destruída, escondida por toda parte, acidentada etc.

O destino trágico da posição de exceção é justamente o que acontece com Ricardo III. Em determinado momento, ele vai efetivamente se deixar derrotar e ser morto em um duelo.

O segundo traço de caráter observado por Freud na psicanálise é extraído de um romance protagonizado por Rebecca West. Rebecca West é uma segunda, não é uma exceção. Ela é uma espécie de governanta na casa do homem que se casou com sua irmã.

Sua irmã é a primeira, ela é a segunda. Rebecca está secretamente apaixonada pelo patrão, o marido de sua irmã. Está secretamente identificada com ela. Está perdidamente apaixonada. A irmã morre. O caminho está livre. O marido da irmã se interessa por ela, pede-a em casamento, e então ela desmorona e adocece. O segundo traço de caráter, Freud o chama de *os que fracassam no sucesso* ou *os que adoecem com o sucesso*. É quando seus sonhos se tornam realidade que a personagem realmente desmorona. Foi Racine quem escreveu: “Chegar ao topo desperta a vontade de descer”. Para alguns sujeitos, é difícil manter-se na plena satisfação de seus desejos. Este é mais um paradoxo: fracassar no momento do sucesso, pelo sucesso. No esporte, fala-se do medo de vencer. Abre-se um fosso entre o sucesso *objetivo* e a vivência *subjetiva*. Qual lógica pode residir no processo de adoecer pelo sucesso? Essa questão fundamental e essencial ressurge em diversas ocasiões na psicanálise, relativamente às neuroses de destino e, sobretudo, a respeito do que Freud vem a chamar de *reação terapêutica negativa*. Freud começa a abordá-la em 1918 e, um pouco mais tarde, em 1923. A reação terapêutica negativa manifesta-se da seguinte forma: iniciado um tratamento de psicoterapia psicanalítica com um paciente que não está bem, ele melhora, mas quanto mais melhora, pior ele se sente. É novamente um paradoxo. O paciente começa a ter êxito no que empreende, encontra o amor, começa a ser capaz de se desenvolver socialmente, porém, quanto maior o êxito e sua capacidade de desenvolvimento social, mais triste, deprimido e insatisfeito ele se sente. Pode-se imaginar os comentários dos amigos: “Como assim, você está triste? Mas você tem tudo para ser feliz”. Já é terrível se sentir mal, ainda mais quando alguém tem *tudo para ser feliz*. O sujeito é dominado por um sentimento de impasse. Agora ele tem tudo, tudo a que aspirava antes.

A reação terapêutica negativa torna-se uma das dificuldades clínicas de Freud e do pós-Freud, do pós-guerra. Uma dificuldade

clínica fundamental encontrada nas patologias do narcisismo e um dos grandes problemas com os quais toda a clínica psicanalítica pós-freudiana vai se defrontar.

Espera-se, em geral, que o andamento do trabalho analítico promova a melhora do sujeito, mas, aqui, é o contrário. Além disso, o entorno do paciente põe em dúvida a validade do tratamento. Abordaremos mais adiante as hipóteses atuais relativas à reação terapêutica negativa.

Por ora, gostaria de falar do terceiro traço de caráter apontado por Freud: *o criminoso por sentimento de culpa*. Um novo paradoxo.

Vamos lembrar brevemente a história recente da questão da culpa em Freud.

Nas últimas páginas de *Totem e tabu*, Freud levanta a questão do sofrimento, ligado ao sentimento de culpa, de sujeitos tidos como obsessivos. Ele se pergunta por que esses sujeitos se sentem tão culpados por algo que não fizeram. E então, de que se sentem culpados? Possuem desejos, mas não fizeram nenhum mal. Sentem-se culpados como se desejos ruins, proibidos, agressivos tivessem sido realizados. Freud apresenta uma primeira hipótese: a onipotência do pensamento. Essa hipótese, contudo, não o satisfaz completamente, de modo que ele continua a explorar e consegue observar o seguinte fato: se nos aprofundarmos na história desses sujeitos, percebemos que, se agora não fazem mal nenhum, quando crianças eram cruéis e perversos e, no fundo, seria por aquela maldade de outrora que se sentem culpados. Conclusão de Freud, e última frase do livro: “No princípio foi o ato”.

Por trás de todos esses processos psíquicos, portanto, encontram-se atos infantis. *Totem e tabu* foi escrito em 1913. Em 1916, no capítulo *Criminosos pelo sentimento de culpa*, Freud retoma o problema indagando-se a respeito de como os criminosos



funcionam. Ele chega, então, a uma hipótese perturbadora que vai de encontro a tudo o que se poderia pensar habitualmente da criminalidade.

Pelo senso comum no que diz respeito à criminalidade, a pessoa que cometeu um crime deve se sentir culpada *por ter cometido um crime* ou recusa seu sentimento de culpa. Em 1916, Freud aponta que não é assim que funciona a criminalidade. Numa hipótese inversa, ele considera que, sentindo-se culpadas primeiramente, essas pessoas cometem um crime na tentativa de assimilar seu insondável e enigmático sentimento de culpa. Isso é bem diferente.

Os sujeitos são dominados por um sentimento de culpa difuso e insondável. Cometem algum mal para tentarem entender o porquê, para tentarem dar sentido a esse sentimento, para poderem eventualmente expiá-lo e, portanto, apaziguá-lo. Esse modelo pode ser encontrado em alguns pais, em seu relacionamento com os filhos. A criança chora e os pais, não conseguindo acalmá-la, acabam lhe dizendo: “Você está chorando, mas não sabe por que motivo, vou lhe dar uns tapas e assim, pelo menos, você vai saber por que está chorando”.

Freud retoma esse assunto pouco mais tarde, em 1920, relativamente aos ferimentos de guerra, assinalando que a ameaça de neurose traumática decorrente de certas situações encontradas durante a guerra diminui se houver uma lesão corporal localizada e identificada. Em outras palavras, o que torna o sentimento de culpa primário completamente desorganizador é o fato de ser insondável; a culpa é difusa. O sujeito acaba por se sentir culpado por existir. Sente-se culpado, simplesmente, por estar vivo.

Decerto, isso suscita a questão do que poderia ter acontecido na história do sujeito para que se sinta culpado por estar vivo, simplesmente por existir. Sentir-se culpado por ter feito algum mal, vá lá. Mas a culpa de existir, apenas por estar na face da Terra, seria o

pecado original? Afinal, o pecado original... Adão comeu a maçã proibida.

O sentimento de culpa não é consequência do crime, é causa dele: eis outro paradoxo.

Paradoxo da melancolia, portanto: para simbolizar o objeto, é preciso renunciar ao objeto, e, para renunciar ao objeto, é preciso simbolizar o objeto.

Paradoxo das *exceções*: que o mal seja o meu bem, que o bem seja o meu mal (não falei do masoquismo, mas, neste caso, é o contrário: que o sofrimento me dê prazer).

Do fracasso ao sucesso.

Do crime cometido por sentimento de culpa.

Toda a lógica do conflito, da oposição prazer/desprazer, é afetada por esses processos, por esses paradoxos.

E não é de estranhar que Freud venha a redigir, em 1920, o artigo *Além do princípio de prazer*, pois todas essas lógicas se situam *além do princípio de prazer*, a respeito do qual Freud pensou, inicialmente, que fosse o princípio fundamental. Para pensar as patologias do narcisismo, é preciso ir além do princípio de prazer. *O narcisismo não confronta o conflito, mas o paradoxo.*



## O primeiro volume da Coleção Conferências de René Roussillon,

apresenta dois conjuntos de conferências proferidas pelo autor entre 2020 e 2021 sobre os temas narcisismo e análise do Eu. O autor descreve de forma espontânea e minuciosa as suas ideias referentes ao narcisismo e a construção do Eu, desenvolvidas a partir de uma ampla experiência clínica de supervisão de casos e da sua vida acadêmica e institucional. Uma construção teórica onde a teoria freudiana é integrada de forma criativa e ímpar a outras teorias fundamentais, como as teorias de Winnicott e Bion.

Neste livro, Roussillon apresenta os acontecimentos intrapsíquicos e intersubjetivos primitivos do indivíduo humano com o objeto primordial e o seu ambiente. Esses entrelaçamentos constituem as bases para repensar o narcisismo e realizar uma análise do Eu de forma mais ampla. Tais desenvolvimentos teóricos lhe permitem compreender as estruturas clínicas que denomina sofrimentos narcísicos-identitários, bem como repensar a técnica para o atendimento de pacientes habitados por essas agônias primitivas.

Durante as conferências, o autor fez um amplo e profundo apanhado de ideias que servem tanto para introduzir, como para integrar ao arcabouço teórico dos leitores já habituados ao seu pensamento.

COLEÇÃO

Conferências de  
René Roussillon

Organizadores  
Luciane Falcão  
Renato Moraes Lucas

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-370-7



9 786555 063707



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O narcisismo e a análise do Eu

---

René Roussillon

ISBN: 9786555063707

Páginas: 288

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---